



Stadium

N.º 8-27 de Janeiro de 1943



SPORTING — UNIDOS

O vigoroso esforço de Mourão num dos embates com a defesa unidista

(fotos Nunes d'Almeida)

1\$50

A visita do sr. tenente-coronel Salvação Barreto a alguns clubes do Pôrto deve ter-lhe causado boa impressão. Não conhecemos tôdas as sedes visitadas. Sabemos, porém, que são magnificas as instalações da Associação de Futebol do Pôrto. E a sede do Sport Clube do Pôrto era, há anos, do melhor que existia em todo o país em amplitude, conforto e bom gosto.

O espirito de António Nascimento e de Fernando Barbedo contribuiu grandemente para a boa instalação do Sport. E constituia encanto visitá-la.

O Clube Naval de Lisboa festeja, agora, o quinquagésimo primeiro aniversário da sua fundação.

É uma conta bonita. Os nossos parabéns!

VASCO Ribeiro é um dirigente desportivo que tem ligado especialmente a sua acção ao Ateneu Comercial de Lisboa. Tem quarenta e três anos de sócio e conta também largo número de anos como director da simpática e florescente colectividade. A sua acção caracteriza-se pelo entusiasmo com que se vota à propagação de uma idéa, ou se bate em defesa das agremiações a que pertence.

O Ateneu prestou-lhe, há dias, justa e oportuna homenagem. A ela nos associamos gostosamente.

A Associação de Nataçào de Lisboa fez já uma reunião prévia, a preparar a sua sessão, entre os clubes da especialidade. E foi ventilado um problema curioso — o da concessão e distribuição das medalhas que correspondem às provas por ela organizadas. A situação é difícil, a tal respeito, por não haver dinheiro bastante para as medalhas a distribuir por várias épocas. Para uma, chegava. Para mais, é impossível.

A complicação vem desde a gerência de 1941. E a gerência do ano findo não pôde fazer milagres. Há, pois, que esperar mais algum tempo...

OS trabalhos de selecção para o Portugal-França em futebol, a disputar em Lisboa no próximo mês de Abril, vão seguindo o seu curso normal. Não são ainda conhecidos os nomes dos jogadores que constituem o grupo a preparar cuidadosamente, mas não deve faltar muito tempo para isso.

Semana a semana, vão sendo apontados os nomes que se distinguem no campeonato nacional do popular desporto. Mas o lugar de relvado num encontro pode não ser sinal de melhoria de forma. E preciso haver mais alguma coisa — a regularidade nas exhibições.

CONVEM, realmente, não descurar o problema. Tôdas as coisas se preparam com tempo; e não haveria razão especial para proceder de outro modo. Parece, porém, que começaram já os preparativos, por parte da França. O valor actual das equipas francezas corresponde bastante ao valor afirmado noutras épocas. Tôda a cautela será pouca.

Palavras oportunas

O Estado e o desporto

O Sr. Tenente-coronel Salvação Barreto, ilustre Director Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, esteve agora em Braga e no Pôrto, de visita a vários clubes e associações desportivas do norte do país. Dias antes de partir para o Pôrto estivera na sede do Gimnásio Club Português, benemérito instituto de Educação Física.

Já nos referimos, na nossa revista, à iniciativa de sua excelência. Podemos, porém, acrescentar que essas visitas seriam particularmente úteis mesmo que valessem apenas como pretexto para o sr. tenente-coronel Salvação Barreto tomar conhecimento directo com algumas das melhores colectividades nacionais de desporto, ou como ensejo para que esses organismos conhecessem melhor as qualidades de inteligência e orientação que distinguem a brilhante personalidade do novo Director Geral. Mas estas visitas deram ainda motivo a uma sessão solene que constituiu facto de relvado especial, pelo seu alto significado.

Referimo-nos à sessão efectuada no Coliseu do Pôrto, promovida pela Associação de Futebol portuense em homenagem ao Director Geral de Desporto. São dignas de registo tôdas as afirmações ali feitas. Entre tudo quanto se disse, destaca-se, porém, o notável discurso do sr. tenente-coronel Salvação Barreto. Começando por afirmar que teria de preferir algumas verdades amargas, desenvolveu, depois, o seu pensamento acerca do desporto e das suas relações com o Estado, fazendo-o em termos que causaram profundo e sincero agrado para quem aprecia o desporto pelos objectivos que lhe são próprios, ou seja pela sua elevada função educativa.

São oportunas tôdas as palavras proferidas pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto. Mereciam registo amplo, na integra. Não podendo fazê-lo neste número, limitamo-nos a recortar, com muito prazer, os períodos que seguem:

«Espirito são em corpo são, é verdade velha que como muitas outras os homens esqueceram para seu mal, e o regresso à compreensão geral deste principio que nos reúne aqui, para afirmarem a comunhão de idéias, por um lado o organismo oficial que chega, por outro a iniciativa privada que está. E o Estado, que vem ao encontro das aspirações gerais do progresso fisico de uma boa parte de portugueses, tem de dizer ainda uma vez: mais e melhor, meus senhores. Mais e melhor, na essência e na forma. Na essência, porque o desporto é meio e não fim. Na forma, porque, se o desporto em massa pode progredir pelo espectáculo, êste não deve, contudo, prejudicar os fins reais que pretendemos atingir.»

ANO XI — LISBOA, 27 DE JANEIRO DE 1943 — II SÉRIE-N.º 8

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE «REVISTAS GRÁFICAS», L.ª

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS encontros internacionais de futebol vivem muito do ambiente de entusiasmo criado à sua volta. São sempre espectáculos magníficos — para o grande público. Interessa, por isso, despertar o entusiasmo do público pelas partidas em preparação.

Por nossa parte, anunciamos já um concurso de prognósticos. As bases da sua organização serão publicadas dentro em pouco tempo.

O nosso concurso do «Goal da Vitória» constituiu um êxito que muito nos desvanece, não só pelo que representa como triunfo para uma idéa, mas também pelo que traduz de simpatia do público relativamente à «Stadium».

Registamo-lo, por isso, com duplo prazer.

A boa aceitação do público pela nossa Revista leva-nos a procurar melhorá-la, semana a semana. Algumas das modificações operadas na sua factura, visam a êsse fim.

E, de facto, nosso propósito responder aos favores com que nos têm acolhido.

A Associação Académica de Coimbra acaba de tomar uma resolução que devia servir de exemplo para muita colectividade — a nomeação de um monitor para atletismo. E assim que os clubes devem trabalhar, arranjando quem ensine ou oriente as diversas secções que mantêm.

O novo monitor da Académica é o nosso colega de imprensa Alberto de Freitas. Trata-se, pois, de uma resolução valorizada pelo bom critério de escolha.

A F. N. A. T. começou também a preocupar-se com a expansão do atletismo e resolveu o problema de modo idêntico — formando monitores. E a escolha recaiu igualmente num nosso colega de imprensa, o Dr. Salazar Carreira, ilustre colaborador da «Stadium», e cujo nome dispensa elogios!

EM Espanha, anda em destaque um novo valor do pugilismo — Raúl Bretonel. É um nome a fixar, neste período de franco intercâmbio desportivo com o país vizinho.

Raúl Bretonel bateu aos pontos, recentemente, por diferença que não deu margem a dúvidas, um pugilista bastante conhecido em Lisboa — Eusébio Librero.

DISSEMOS, no último número da «Stadium», que o campeonato espanhol da II Divisão, em futebol, era disputado em três séries de oito clubes. Não se passava, pois, de vinte e quatro equipas, em confronto com as 100 que disputam o torneio português. Mas não se passava também — de uma experiência.

Para a futura época, projecta-se voltar à fórmula antiga de uma série com número igual ao da I Divisão.

HA mesa, um pequeno conflito agitou o nosso meio desportivo. Para não castigar um grupo de atiradores que recusou acatar as suas determinações a direcção da Federação Portuguesa de Esgrima decidiu abandonar o mandato.

O leitor perguntará, se não se encontra ao facto do assunto, qual o motivo que impediu aquela entidade dirigente de aplicar o rigor da lei, punindo com a severidade necessária quem infringira as normas disciplinares.

Em poucas palavras lhe diremos que a direcção da F. P. E. não quis fazê-lo única e exclusivamente para evitar desavenças, as quais são sempre nocivas em qualquer ramo de actividade e ainda piores quando ocorrem em âmbitos restritos. Mas como se sentia desautorizada pediu desde logo a demissão, confiando à assembleia geral o julgamento da sua atitude. Teve depois o prazer de verificar que todos os seus actos foram aprovados. Quiseram, mesmo, que continuasse a gerência. Ela, porém, não accedeu a tais pedidos.

A assembleia apenas tinha, portanto, um caminho a seguir: o de eleger novos directores. Assim fez. E foi feliz na escolha, pois entregou a presidência do organismo a um esgrimista consagrado: o sr. Mário de Noronha.

Internacional-olímpico, o sr. Mário de Noronha representou brilhantemente o nosso país em diversas competições de grande vulto, tanto aquém como além fronteiras, conseguindo resultados muito honrosos.

Várias vezes campeão nacional de espada, componente das equipas que defenderam o nome de Portugal nos Jogos Olímpicos de Paris e de Amsterdão, detentor durante anos de um «record» impressionante — o de possuir maior número de taças e de primeiros prémios — o novo dirigente da F. P. E. praticou também ginástica, remo, vela, natação, tiro, ténis e o jogo de pau, sendo, portanto, um desportista eclético.

Membro do Comité Olímpico Português, antigo presidente de clubes e de federações, sócio honorário de colectividades nacionais e estrangeiras, condecorado por méritos desportivos com a Ordem de Cristo, possuidor da Águia Olímpica Alemã, o sr. Mário de Noronha, actual vereador da Câmara Municipal de Lisboa, possui, como é bem de ver pelo seu brilhante passado, as qualidades necessárias para desempenhar de maneira superior as elevadas funções que a assembleia geral da Federação Portuguesa de Esgrima recentemente lhe confiou.

De carácter lhano, afável no trato, é uma personalidade que compreende a missão do jornalista. Por isso nos acolheu amavelmente, quando há dias lhe solicitámos uma entrevista. E não hesitou em revelar-nos os projectos que tenciona pôr em execução — na qualidade de presidente do organismo orientador da esgrima nacional.

Prestemos atenção, portanto, às palavras do sr. Mário de Noronha.

Seleções nacionais

«A nova direcção da F. P. E. — começou o nosso entrevistado — já traçou um vasto plano de trabalhos. Primeiramente vamos pedir às salas de armas que nos digam quais são as provas que tencionam organizar, para as incluirmos no



Quando a **STADIUM** pergunta...

MÁRIO DE NORONHA

presidente da Federação Portuguesa de Esgrima
fala dos projectos da nova direcção

calendário geral. Isto feito, trataremos de solicitar de todos os atiradores que intensifiquem a sua preparação, pois desejamos proce-



der quanto antes à escolha das equipas nacionais de júniores e de seniores — e não queremos fazê-lo sem saber com quem poderemos contar.

«Escusado será dizer que a selecção, embora provisória, assentará em bases sólidas. Para ponto de partida servem perfeitamente os resultados oficiais da época transacta. E, assim, dentro de pouco tempo indicaremos uns tantos esgrimistas para efectivos e suplentes dessas equipas, restando-nos depois o cuidado de vigiar a evolução da sua «forma». Os torneios e os campeonatos, que faremos disputar com a indispensável regularidade, nos dirão se os seleccionadores merecem a confiança e a honra que lhes vamos dar.

«Segundo esta orientação, conseguiremos ter sempre equipas formadas e devidamente preparadas, não nos colhendo de surpresa qualquer convite para um encontro internacional. Nessa altura uns simples «retosques» bastarão para afinar o conjunto. E não mais coreremos os perigos resultantes de uma preparação deficiente.

«A ideia de constituir uma selecção de esgrimistas júniores compreende-se e justifica-se pela necessidade, dia a dia mais imperiosa, de velar com o maior carinho pelas representações futuras. Tivemos — e ainda hoje possuímos — atiradores de grande categoria. Mas as suas faculdades diminuem, como não pode deixar de ser, à medida que os anos decorrem. É preciso, por isso, arranjar gente nova, com o «sangue na gueira», trabalhá-la cuidadosamente, fornecer-lhe os meios necessários ao seu aperfeiçoamento técnico, dar-lhe a prática dos combates e enquadrá-la, a pouco e pouco, com a representação das camadas antigas.

«Em convívio freqüente e fraterno com os atiradores mais experientados, os esgrimistas novos de-certo colherão largos ensinamentos. Eis porque tencionamos formar uma equipa de júniores. Dar-lhe-emos todo o apoio. Acarinhá-

-la-emos. E estamos certos de que nenhum dos «veteranos» deixará de colaborar connosco.

«Não pensamos em evidenciar-nos. A nossa missão de dirigentes consiste em zelar os interesses superiores da esgrima. Só isto e nada mais nos preocupa — e posso garantir que procuraremos a todo o custo desempenhar cabalmente a tarefa que nos confiaram.

Encontros internacionais

«Já estamos ao facto das negociações entabuladas pela direcção transacta para a realização, entre nós, de um encontro Portugal-França em esgrima de espada. Como não podia deixar de ser, recebemos a notícia com o maior agrado e, não obstante as dificuldades provocadas pelos últimos acontecimentos, vamos continuar essas diligências, para o que trataremos do assunto por intermédio do sr. Paul Anspach, ilustre presidente da Federação Internacional, e do sr. Armand Massard, o actual presidente da Federação Francesa,

«Boxing» no Coliseu

Mais uma vitória de Guedes

A sessão que se realizou, há oito dias, no Coliseu dos Recreios, pode ser considerada como interessante.

Os combates A. Branco-A. Afonso e Guedes Alcalá foram os que mais entusiasmarão o público; na verdade, constituíram as melhores pugnas da noite. O encontro Branco (53.500)-Afonso (55.900), em 5 assaltos, sob a arbitragem do sr. Machado Júnior, terminou com a vitória de Afonso, aos pontos. Foi uma luta renhida; António Branco, com boa esquivia e agilidade, mas fraco no estômago, mostrou, na última parte, falta de «punch». Alberto Afonso, mais preciso e com melhor sóco, dominou.

Agostinho Guedes (81.100) venceu nitidamente o espanhol Alcalá, de 83.000. Arbitrou o sr. Carlos Lopes.

Não terminou este combate da maneira que a meio se esperava, pois Guedes, que pôs Alcalá «grogy» no 3.º assalto, não soube insistir no ataque aos flancos e ao estômago, ponto fraco do espanhol; mudou de direcção no ataque e procurou a cabeça. Guedes, dificultado, na respiração, por uma hemorragia desde o 2.º assalto, atacou sempre e fez abalar fortemente Alcalá no 9.º round; mas este agüentou-se até o fim, mercê da sua resposta, apesar de lenta, a todos os golpes.

Nos outros combates assinalaram-se as vitórias de Sousa, Pérez

ambos verdadeiros amigos do nosso país.

«Além deste interessantíssimo «match» tentaremos organizar um Portugal-Bélgica, cuja disputa nos parece possível.

«Não esqueceremos, evidentemente, que as relações entre os dois povos ibéricos são agora mais afáveis que nunca. Por isso enviaremos os maiores esforços para realizar, não diremos um encontro entre as duas equipas, mas, pelo menos, um torneio entre os atiradores júniores e seniores de ambas as nações.

O «Grande Prémio» de Lisboa

«No respeitante às organizações internas, pode dizer que a direcção da F. P. E. está disposta a promover muitas provas. Manter-se-ão todas aquelas que estavam incluídas no calendário do ano passado. Mas, além dessas, faremos disputar duas outras, de características inéditas: o «Grande Prémio de Lisboa» e o torneio pre-olímpico. Naquele, os atiradores encontrarão valiosas recompensas para o seu esforço, entre as quais uma taça verdadeiramente monumental e a respectiva miniatura, que, mesmo assim, será de tamanho igual ao dos troféus ultimamente instituídos.

«Preteúdo também a direcção actual que os «assaltos» dos campeonatos e outros torneios de sua iniciativa sejam disputados em terreno neutro, isto é, fora das salas de armas. Para isso procurará arranjar recinto capaz, sob

(Conclue na página 10)

e Oliveira, respectivamente, sobre Rebordão, Correia e Quintino.

Do encontro, em 8 assaltos, Augusto Sousa (67.400)-Rebordão (67.400), saiu vencedor Sousa, por desistência de Rebordão, no 5.º assalto. O sr. Araújo Correia foi o árbitro. Augusto Sousa, mais sabedor, venceu à vontade; a sua vantagem acentou-se progressivamente. Rebordão tentou atacá-lo mas fê-lo de maneira imprecisa — e à força. Vitória justíssima, portanto.

O espanhol Isidro Pérez (64.500) venceu por K.-O. técnico, no 2.º assalto, António Correia (67.800). Arbitrou o sr. Pressler. Os organizadores deviam evitar que homens como Correia, com qualidades, mas desconhecedor e sem experiência, defrontassem pugilistas como Isidro Pérez, sabedor e com larga prática no ring. Se o não fizerem, a beleza do desporto desaparece e surgem «matches» fracos e sem entusiasmo. O sr. Pressler devia ter concluído o combate quando Correia, inconsciente e de braços caídos, se levantou a um craco bem preparado do espanhol, e evitaria que este desse outro sóco num homem incapaz de responder.

Alfredo de Oliveira (61.500) venceu por pontos, em 6 assaltos, Quintino (61.500). Serviu de árbitro o sr. Rudolfo Pereira. Foi um combate disputado com bravura, que terminou com a justa vitória de Oliveira.

SOUSA MARQUES

Delfim Maia

simbolo de ligação
da arte com o desporto



A arte e o desporto têm afinidades. São duas manifestações de vida que andam ligadas por natureza e cuja idéia se completa. E pela mesma razão que não é desportista — na acepção pura do termo — quem quer, também não é artista um qualquer! É preciso, realmente, «colorem-se» todas as «nuanças» da emoção para «criar» motivos de arte; e é igualmente necessário possuir características especiais, ter «temperamento» para chegar-se a merecer o título de desportista. Arte e desporto são duas palavras comuns, com sentido afim e que na essência se completam. O desporto, mesmo, é arte — é arte pura, quando cultivado como deve ser, com regra e fervor. E nas atitudes dos atletas — seja qual for o género praticado — encontra-se beleza e plasticidade, motivos artísticos que os pagãos ignoram e não sabem distinguir...

Delfim Maia — figura do desporto — é um dos raros eleitos que compreenderam e interpretaram da melhor forma o «sentido» das suas actividades! É desportista. E é ao mesmo tempo Artista — com um poder de «expressão» nas suas criações que só o culto das duas modalidades daria. E na sua dupplicidade pode considerar-se privilegiado. Foi distinto oficial do exército — que abandonou, porém, a carreira em 1920. E nessa qualidade era também dos nossos melhores concursistas hípicas — tendo até representado o país, por diferentes vezes, no estrangeiro. Em França e em Espanha. O seu nome anda ligado às representações da cavalaria desportiva portuguesa em Nice e em Madrid. E mais tarde, como civil — Delfim Maia não abandonou o seu desporto predilecto; ainda há dois anos tomou parte no concurso internacional da Marinha, em Cascais...

A casa de Delfim Maia é verdadeira mansão de arte! É ali, no silêncio do seu «atelier», que o artista cria e desenvolve as suas obras. Todas elas com «movimento», com animação que parece vida! E na difícil faceta que escolheu — a escultura, principalmente em bronze e em gesso — é um mestre: um Mestre com maiúscula!

Visitámos, há dias, a sua galeria — por gentil deferência do dono daquele verdadeiro santuário... e no cumprimento da nossa missão de «reporter» ávido de sensações. A impressão colhida foi de encantamento. Que pena Delfim Maia ter um temperamento reservado — «metido consigo»! É um artista que desdenha da crítica e da publicidade, que tem por hábito meter-se no seu «cantinho»! E não frequenta tertúlias... Contudo, que belas obras se escondem ali, no palacete da rua da Arrábida — todas elas merecedoras da consagração pública, de serem vistas e admiradas.

Porque Delfim Maia — a pesar de esconder-se na sua esquisita modéstia e na sua quasi timidez — é um artista em todo o sentido da expressão! Que adora a arte — e a compreende, e a interpreta, como poucos! É escultor — mas nós vimos-lhe outros trabalhos: de pintura e aquarela, «esboços» que são outros tantos motivos de arte! Mas é na escultura que Delfim Maia se nos mostra, sempre, «tal qual»...

As suas figuras (todas elas!) têm expressão e têm movimento; parecem irradiar vida! Têm cambiantes de beleza e de «realidade» invulgares. Têm, sobretudo, uma «animação» que nos dá a quasi certeza de estarmos em presença da própria vida! E são disso testemunho, para melhor afirmação, as gravuras que ilustram a reportagem.

(Continua na página 14)



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



RUGBY — Aspectos do jogo Benfica-Belenenses na final da Taça "Francisco Paulos."



Distribuição de prémios na A. D. Brigada Naval

VOLLEY-BALL — A equipa do I. S. Técnico vencedora do último torneio. No segundo plano os jogadores da A. Académica de Coimbra



Aspecto do jantar comemorativo do 1.º aniversário da A. Académica da Amadora



CICLO-TURISMO — Grupo dos concorrentes A.º Prova de Regularidade do S. L. Benfica

A terceira jornada do Campeonato nacional de futebol serviu especialmente para seleccionar os valores do primeiro plano. Como vítima desta selecção, imposta pela marcha regular do torneio, ficou, no domingo, a Associação Académica de Coimbra. No último domingo, haviam ainda três equipas agrupadas na cabeça da classificação — com o Sporting à ilharga, afastado sómente por um ponto de diferença. Uma semana depois, mantêm-se apenas duas equipas — e a Académica cedeu o lugar aos «leões» da capital.

Num campeonato em «poule» demorada, nem sempre se adaptam ao valor afirmado os lugares obtidos na lista de classificação. A sucessão dos jogos corrige muita coisa que as contingências do sorteio pode provocar. Nesta altura do torneio, parece-nos justa a arrumação dos valores. O Belenenses e o Benfica têm sido os «teams» mais regulares. O Sporting atravessa um período de renovação de equipa e é natural que o conjunto se ressinta.

A Associação Académica, a que uma entrevista, no nosso prezado colega «Diário de Lisboa», deu foros de equipa imbatível no seu campo, quebrou, ali mesmo, algumas das suas ilusões. O tempo mostrará qual a forma actual. Mas a sua defesa tem muito de oscilável... O Futebol Clube do Porto vai afinando melhor o rendimento do seu «onze». E, quanto aos outros clubes, é ainda cedo para firmar opiniões... Anotemos, entretanto, que o Unidos teve uma primeira parte brilhante, no seu jogo com o Sporting.

Os resultados desta jornada responderam à expectativa. Apenas a marcha do jogo Sporting-Unidos alterou o ritmo dos prognósticos.

O Benfica e um velho problema...

O encontro Benfica-Vitória teve um desfecho que não causou surpresa. Venceu o «team» mais forte. Não foi, porém, coisa de espantar, a sua exibição. Dos dois grupos, e para as possibilidades de cada um deles, coube ao Vitória mostrar-se mais conforme o seu valor próprio. Não se comportou como no domingo anterior. Lutou sempre com ânimo. E desenhou por vezes jogadas de bom recorte.

Por parte do Benfica, jogou-se não só para vencer, mas, até, para maior margem de pontos. De princípio, não carrilaram as coisas com facilidade... Melhorou, depois, o conjunto. Trouxe, porém, à superfície um problema levantado dentro do clube: qual é o ponto fraco da equipa? O ataque? Ou, pelo contrário, a defesa?

A jornada de domingo, fácil para os campeões nacionais, pôs novamente em foco a irregularidade da defesa. Os avançados, que brilharam bastante na asa direita, puderam chegar a oito «goals» e perderam outros. A defesa cedeu, todavia, três. Galvão e Gaspar nem sempre se entenderam na marcação dos adversários. Galvão teve falhanços perigosos. O trio intermediário fraquejou muito. E até Martins se deixou contagiar.

Caracterizou-se pelo ânimo na luta, a exibição dos vimaranenses. Na primeira parte, a equipa conseguiu manter, embora por pouco tempo, um período de insistência ao ataque. Deu resposta imediata ao primeiro ponto do Benfica. Em menos de um minuto impôs o empate. No segundo tempo, batido mais vezes na luta, pôde, ainda assim, levar o marcador a 3-8, de-



A terceira jornada do campeonato nacional, em relance

pois de estar a perder por 8-1. Batahou, pelo menos.

Júlio, avançado-centro dos «encarnados», marcou cinco pontos. Manuel Costa, 2 e Nelo 1. Os pontos do Vitória foram marcados por Alexandre. O «goal» da vitória pertenceu a Júlio.

Valadas reapareceu e distinguiu-se no primeiro tempo. Na equipa, destacou-se a linha avançada. Teixeira esteve, no entanto, infeliz. No Vitória mereceu destaque o trio defensivo e Alexandre.

Arbitrou Evaristo Santos, de Setúbal.

O Sporting em perigo

De uma maneira geral, o Unidos de Lisboa demonstrou um conjunto mais apurado. Globalmente, jogou melhor o Sporting. Não há elementos a destacar no Unidos. Jogou bem — e mostrou afinado em todas as suas linhas. Entre as duas equipas, a vitória podia muito bem ter perdido para o Unidos. Teve jogo para isso. Faltou-lhe, porém, sorte...

Podemos até afirmar que, se os «leões» ganharam, o devem à acção individual de alguns dos seus elementos. Devem-no principalmente a Azevedo e Mourão.

Azevedo readquiriu a plenitude dos seus recursos. Teve, no domingo, três ou quatro defesas muitíssimo boas. Entre tudo quanto fez, merece todavia registo especial um voo que executou quasi no final da primeira parte, para encaixar um forte e perigoso remate, numa altura em que os dois grupos estavam empatados, com duas bolas. Azevedo salvou o empate.

Mourão em evidência

Adolfo Mourão formou, com Azevedo, um duo de jogadores de grande plano. Pela sua acção, em todos os pormenores, foi, como vai sendo costume dizer-se, um verdadeiro tratado... Esteve numa grande tarde — a descer, fintar e rematar. Agradá ver jogar assim. Rematou o primeiro ponto da tarde.

Teve interferência no segundo «goal». E o passe que deu lugar ao quarto ponto é dos que não esquecem facilmente. Foi um passe primoroso que João Cruz rematou em corrida, de cabeça, em voo. Valeu por todo o desafio.

O Unidos merecia ter ganho. Fêz por isso, francamente. Marcou três pontos. Duas bolas suas bateram na trave dos «leões». O terceiro «goal» do Sporting resultou de uma jogada infeliz do defesa direito. Barrosa defendeu uma bola à entrada das rédes, já com Azevedo batido. A vitória do Sporting dependeu bastante de duas jogadas da defesa. Azevedo segurou o primeiro empate — e Barroso evitou outro.

No Sporting, em bom destaque, registam-se apenas os nomes de Azevedo e Mourão. Manuel Marques, Peyroteo e João Cruz distinguiram-se, também. O trio intermediário foi o ponto fraco do «onze». Nem Paciência. Nem Nogueira. Nem Lourenço. Nada, entre os médios! E sem médios regulares, não é possível nenhuma equipa agüentar-se.

Quanto ao Unidos, tudo bem. Tudo certo. Uma equipa, no bom significado da palavra. Apenas destoou o defesa direito, Marques, fraco e infeliz.

Arbitragem regular, de Francisco Godinho, de Lisboa.

O «goal» da vitória foi marcado por João Cruz.

O Porto e a sua recuperação

Para não fugir à regra, em Leixões, o jogo teve a caracterizá-lo a energia despendida pelo «onze» local, em luta com a técnica mais apurada dos campeões regionais. Correspondeu, sob este aspecto, ao interesse despertado. E a expectativa ficou provada com a larga afilusão de público. Leixões, pelo entusiasmo com que se bateu, causou bastantes sustos aos adeptos do Futebol Clube do Porto. Até o intervalo, o Porto ficou apenas em 1-0. No segundo tempo, decaiu mais o jogo. Não pôde haver a

mesma vivacidade. E o Porto obteve com facilidade o resultado final. Venceu, pois, bem. E parece em franca recuperação de forma.

Nas rédes do Leixões, notabilizou-se Couto, com um número apreciável de boas defesas, algumas aparatosas. Foi, no entanto, bem ajudado por Henrique. Na linha intermediária, o médio centro, Adão, brilhou bastante, à defesa e ao ataque, bem apoiado pelos médios laterais. O quinteto avançado, com pouco conjunto, não agradou, pecando por falta de remate.

Nova grande exibição de Gomes da Costa

No Porto, o trio defensivo esteve seguro, apesar de apresentar um estreato, Alfredo, jogador da reserva. Aparte as indecisões naturais de um novato, teve coisas acertadas. Guilhar, muito bem.

A linha média fez uma primeira parte desarticulada, recompondo-se, todavia, no segundo tempo. Alvarenga, em plano superior ao dos seus colegas. António Nunes procura voltar à sua antiga forma.

Entre os avançados, notou-se Gomes da Costa. O interior direito dos campeões confirmou o seu valor actual, repetindo a admirável exibição que fez contra o Sporting, na semana anterior. Valeu pelo que jogou e fez jogar. Florêncio, Correia Dias, Pinga e Araújo, estiveram incertos na primeira parte, rehabilitando-se, porém, para o final, chegando a evidenciar boa ligação entre todo o ataque.

Veira da Costa, o árbitro, agradeu.

Uma experiência que não deu resultado

O jogo entre o Belenenses e a Académica era seguramente dos que despertavam mais interesse. Seria, pois, de recomendar toda a cautela na constituição das equipas. A Académica de Coimbra não hesitou, no entanto, em fazer uma experiência perigosa — o aproveitamento de Peseta, a médio centro. Se a Académica tem ganho, talvez não merecesse crítica... Mas a verdade é que, tendo poucas probabilidades de êxito, não deu resultado nenhum. A Peseta, que tem muita habilidade, faltam-lhe qualidades para aquele lugar. E falhou, por isso.

O Belenenses teve assim facilitada a sua tarefa. Ganhou mercidamente, digamos desde já. Foi superior, em todos os compartimentos de jogo. E a sua superioridade apareceu com mais evidência no confronto entre médios e defesas.

O «onze» académico

A Académica valeu especialmente, para evitar maior derrota, a atenção de Vasco, sempre de olhos na bola. Os avançados da Académica pareciam agarrados ao terreno onde tantas vezes têm brilhado pela vivacidade do seu jogo. Receberam quasi sempre parados as bolas que lhe passavam; e caíram no erro de jogar muito por alto, contra uma defesa que salta bem à bola. Sempre que conduziram esta junto ao terreno, fizeram coisas de jeito e criaram situações de perigo. Não chegaram ao rendimento normal.

O ponto fraco esteve, porém, na linha média e nos dois defesas. Jogaram mal, desarticulados. José

(Conclue na página 11)

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

(ORGANIZAÇÃO DA «STADIUM»)

BOLETIM N.º 4

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL
4.ª JORNADA

VITÓRIA — LEIXÕES

SPORTING — ACADÉMICA

BELENENSES — UNIDOS

F. C. PORTO — OLHANENSE

UNIDOS (do Barreiro) — BENFICA

Nome do concorrente

Morada

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou província — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.ª), impreterivelmente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

VISITA OFICIAL

ESCREVEMOS poucos dias após a partida desta cidade do sr. tenente-coronel Salvacão Barreto, criterioso Director Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar.

Neste momento, portanto, ainda nada sabemos de concreto sobre a opinião formada no espírito daquela individualidade sobre o desporto portuense, em especial.

Cremos, porém, que nem só rosas terão sido colhidas. Em alguns clubes, a falta de recursos ou de orientação ficou bem patenteada nos pequenos pormenores que não passaram em claro no espírito altamente crítico e observador do ilustre visitante.

Não houve até, por parte de alguns, o cuidado de esconder as amarelas. Deixaram-nas à vista e à apreciação de quem quis, dando péssima ideia das suas possibilidades, e, porque não diz-lo, do direito de existirem como colectividades desportivas.

Estamos certos que breve teremos oportunidade de saber qualquer coisa sobre a impressão geral recolhida pelo nosso visitante, assim como sobre as providências adoptadas pela Direcção Geral para carilizar aquilo que anda fora dos veiros.

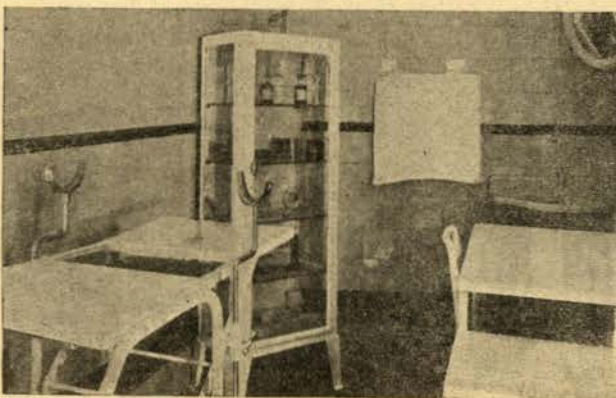
Os campos de jogos apresentam-se lastimosos, intransitáveis, com os assistentes a fazer equilíbrios para atingirem os seus lugares. Não se acabam verdadeiras obras de Santa Engrácia, como o vulgo as apelida. Algumas são já lendárias.

Os terrenos são o que há de mais impróprio, cheios de regos feitos pelas chuvas, em declive acentuado. Durante o defeso as direcções preocupam-se mais com a «pesca» de jogadores, do que em corrigir e aperfeiçoar o que existe de mau. Procuram-se vitórias e mais nada.

Tudo isto é assim, não recebe desmentidos. Por outras palavras mais certas, mais amargas, o disse o sr. Director Geral dos Desportos na sua bem elaborada palestra, proferida no salão de festas do Coliseu. Há nela verdades como punhos, daquelas que queimam, que magoam, que ferem pela cortezia do golpe disparado, que contudem, por atravessarem a parte em necrose e atingirem os tecidos sãos...

São autênticas verdades amargas, mas são também cautério precioso, para se dignificar o desporto — para que ele seja o que deve ser.

MARIO AFONSO



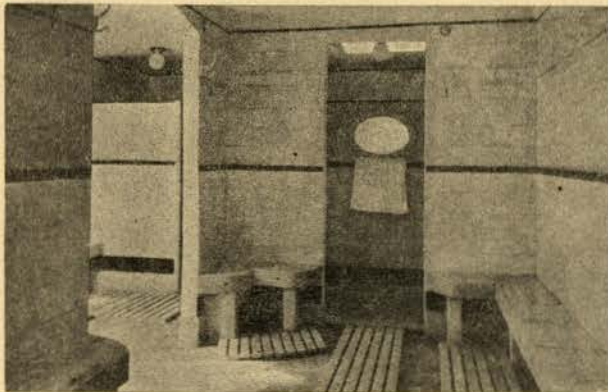
Aspecto do posto clínico do Vilanovense

Stadium na Capital do Noite

O VILANOVENSE, campeão da II Divisão exemplo de trabalho criterioso e inteligente

AO retirar da sua visita feita às modelares instalações do Vilanovense, não pôde o sr. Director Geral dos Desportos esconder a sua satisfação pelo que viu de bom e de grandioso na obra executada pelas diversas gerências desta agremiação desportiva — auxiliadas por alguns dedicados ami-

Deixando mesmo a referência aos campos de jogos, reportamo-nos somente ao que de útil e de completo representam o posto médico e os balneários — perfeitos, limpos, lavados de ar e luz — é o bastante para a classificação o Vilanovense como das colectividades que mais e melhor trabalham pelo desporto.



Um trecho do balneário

gos que, sem alardes, puseram ao serviço dessa colectividade o melhor do seu esforço.

De facto, o que se vê no campo do Vilanovense é algo que muito agrada aos olhos dos que têm, por estas coisas do desporto, a paixão nascida pelo desejo de o verem alcançado e colocado no nível lógico — qualquer coisa como vontade firme e persistente por vê-lo bem servido e bem apoiado!

Desde a entrada do campo até ao marcador, tudo é belo, tudo é perfeito, sem ser espantoso, estonteante. Houve a preocupação de reunir o útil ao agradável, sem esbanjamentos nem dislates financeiros que não se coadunam nem são comportáveis por agrupamentos sem altos recursos.

Comparemos tudo isto com o que patenteiam outros agrupamentos menos felizes no capítulo de realizações e teremos encontrado o motivo plausível para iniciarmos esta secção com o simpático e progressivo agrupamento gaiense.

Se não houvesse mais razões para este justo destaque, bastar-nos-ia a satisfação de termos visto o esforço do Vilanovense tão bem apreciado pelo sr. Director Geral dos Desportos, que não lhe regateou elogios!

Seria tarefa difícil, dada a falta de espaço com que lutamos, descrever o que tem sido a vida do Vilanovense nos seus 28 anos de existência. Atestam o seu labor 31 taças, 5 bronzes e diversos outros objectos de arte conquistados em pugnas disputadas — sempre com lealdade e espírito desportivo.

Augusto Melo, presidente da direcção do clube director por «avença», com 14 anos de serviços prestados dados ao Vilanovense, não escondeu a sua satisfação ao ver como foi apreciada a obra feita pelos directores do clube e outros colaboradores, entre os quais é justo destacar Alberto Ferraz Carneiro, «benemérito n.º 1».

E como agora o Vilanovense terá de disputar ao Boavista o ingresso na I Divisão regional, ousámos perguntar como encara esse jogo de passagem:

— Com o melhor optimismo — garantiu-nos sorridente, em afirmação de fé clubista. Deve ser um jogo cheio de dificuldades, mas tenho confiança nos «meus» rapazes.

A conversa derivou, depois, para as realizações já materializadas e para as que estão ainda em pro-



Augusto Melo presidente do Vilanovense

jecto. A propósito, afirmou-nos o nosso amável cicerone:

— Vamos procurar construir agora o «rink» de patinagem. É um desporto que nasceu com certa dose de sorte, e nós pretendemos seguir a corrente, porque é bem dirigida. Fálmo-emos, no entanto, o mais perfeito possível, isto é, coberto totalmente, e de forma a poder servir de ginásio.

Era mais um motivo de orgulho para os vilanovenses. E como a visita estava terminada, também não importunámos mais o esforço presidente do Vilanovense — não sem deixar acentuada a nossa muita satisfação pelo que nos foi dado verificar. Por isso nos decidimos a apontar este clube como exemplo de persistência e de fé a todos aqueles que, podendo, não fazem obra igual.

MATOSO

Torneio Nacional de Propaganda do Bilhar

ESTÁ a atingir o seu termo o «Torneio Nacional de Propaganda do Bilhar», interessante iniciativa da Federação das Sociedades de Educação e Recreio, em colaboração com o nosso prezado colega O Século e com a Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar.

Já estão apurados os campeões de Lisboa, Porto, Coimbra, Bragança, Aveiro, Leiria, Beja e Portalegre. Hoje devem disputar-se as finais de Setúbal, Faro, Évora e Guarda.

A meio da passada semana apurou-se, entre os vencedores dos três primeiros bairros da capital, o campeão de Lisboa — título que coube a José Marques, da Casa Regional de Figueiró dos Vinhos. No último sábado, no Grémio Lisboense, este bilharista bateu-se, perante numerosa assistência, com o vencedor da zona de Cascais e Estoril, João de Jesus Santos, da Sociedade Musical União Praguense, de S. Domingos de Rana. O lisboeta, no decorrer de luta equilibrada, venceu por 200/180.

Dr. Calheiros Viegas

Abriu banca de advogado nas Caldas da Rainha o conhecido desportista dr. Calheiros Viegas.

Desejamos-lhe as melhores proezas.



A TERCEIRA RONDA

do Campeonato Nacional de Futebol



SPORTING-UNIDOS

- 1 — Como se marcou o 4.º ponto do Sporting.
- 2 — Félix opõe-se, decidido, a Peyroteo.
- 3 — Azevedo pára um ataque do Unidos.

(fotos Nunes & Almeida)

ACADÉMICA-BELENENSES

- 4, 5 e 6 — Aspectos do entusiástico jogo de Coimbra, no qual os «azuis» alcançaram expressiva vitória.

(foto Carvalho)

LEIXÕES-F. C. PÓRTO

- 7 — Correia Dias, sempre de sentinela à vista, nada pôde fazer desta vez...

(foto Hermann)

BENFICA-VITÓRIA

- 8 — Como se marcou um dos oito lentos do Benfica.

(foto Nanique)



(Conclusão da página 3)

Notas soltas

ESTA decorrendo em ambiente de desinteresse o imprópriamente chamado «Torneio de Preparação», que não é mais do que a repetição dos jogos finais da prova que o antecedeu.

A força de vermos, em pouco espaço de tempo, encontros semelhantes, somos forçados a perguntar qual a utilidade destas provas preliminares, espécie de balões de ensaio para experiências velhas e reilhas. Perde-se tempo precioso, esgotam-se datas que provocam a efectivação de desafios de campeonato em plena época balnear e relega-se para o ostracismo uma das bases de que depende grandemente o futuro da modalidade — as provas para jovens praticantes.

Olhando de frente o problema, verificamos o seguinte, servindo-nos de exemplo três clubes — Sporting, Belenenses e Mirantense: os «leões» debatem-se com assustadora crise, motivada pela não renovação dos elementos que constituem o seu grupo principal, único que vimos ainda existir-se. Notem-se os anos de actividade que possuem jogadores como Correia César, Fontainhas, Oliveira Martins, César Vitorino, Vidal e Abreu, além desse exemplo de longevidade chamado Ildo Gomes. Isto acontece no clube que tem uma das maiores massas associativas, senão a maior dos nossos clubes desportivos, e onde não seria difícil recrutar uma dúzia de praticantes que trocassem pela séria prática dos jogos ao ar livre a pecha de dirigir, à mesa do café, os destinos do desporto nacional...

Esta crítica — que tem tudo de conselhos e nada, afinal, de crítica... — não é endossada especialmente ao Sporting, mas aos outros clubes que se dedicam ao «handball». E apreciemos os casos do Belenenses e do Mirantense.

A questão, em relação ao primeiro, reveste-se de dualidade: porque tem no activo «veteranos» do próprio clube, ou já considerados como tal, e veteranos idos de outras colectividades. Nem todo o seu primeiro «team» está neste caso, mas os «azues» dedicaram o seu melhor carinho a uma equipa de júniores — da qual não ingressou nenhum elemento no grupo principal...

Quanto ao Mirantense, basta dizer que é um novo praticante substituído por elementos levados de outros clubes.

O resultado desta má política é o *engrandecimento* (?) de determinados grupos à custa do enfraquecimento ou desaparecimento de outros — em relação ao «handball», entenda-se.

Estas verdades tinham de ser ditas para chegarmos ao fim que temos em vista: pugnar pelo desenvolvimento do «handball». Não são endereçadas a este ou àquêle, mas a todos os clubes que se dedicam a este ramo de desporto e que não pensam em incutir nos seus jovens associados o gosto adversário. É mais cómodo, tão cómodo como explorar um filho descoberto por outrém, mas tem os inconvenientes naturais dessa espécie de exploração — o esgotamento!

ALVARO GASPAR

todos os aspectos, desde o da localização até o das instalações higiénicas, no qual promoverá também festas e outras reuniões.

Disciplina rígida

«Entre as muitas coisas que possuem para nós importância especial deve colocar-se, em primeiro plano, a acção disciplinar. Neste capítulo não seremos tolerantes. Assim, quando marcarmos uma prova para determinada hora só excepcionalmente, e por motivos muito poderosos, a faremos começar mais tarde. É preciso acabar com o péssimo costume, que muitos atiradores possuem, de só comparecer 30 ou 60 minutos depois.

«Por outro lado, não queremos pactos com os indisciplinares. Quem não se conduzir correctamente para com os membros do júri, ou assumir atitudes impróprias de desportistas, sofrerá os rigores da lei. Nós estamos aqui para pugnar pelo desenvolvimento e pelo prestígio da esgrima. Tudo quanto possa ser prejudicial aos interesses do nosso desporto encontrará a mais forte e formal opposição.

«Convém acentuar que estas palavras não envolvem a mais pequena sombra de crítica a resoluções da direcção transacta. Compreendemos perfeitamente a sua maneira de proceder. Louvamos o seu desejo de evitar cisões. E admiramos o seu gesto de renúncia. Sacrificando-se, imolando-se a favor da mais completa união, tomou uma atitude que dignifica todos os seus componentes.

«Somos, no entanto, estranhos à questão. Por consequência vamos convidar os srs. Henrique da Silveira e João Sasseti a retomarem a qualidade de sócios individuais da F. P. E., que, de motu próprio, abandonaram desde Dezembro. Fazemo-lo de boa vontade, precisamente porque também nos anima a ideia de acabar de vez com as desavenças — inimigas fegadais da ordem e da disciplina que é necessário manter para benefício da esgrima.

A «Mocidade Portuguesa» e a «Direcção Geral dos Desportos»

«Há anos, embora poucos, que os filiados da «Mocidade Portuguesa» começaram a dedicar-se à prática da nossa modalidade. Apareceram depois as provas particulares e nos campeonatos oficiais — onde foram recebidos com júbilo, de braços abertos. A eles compete agora a tarefa gloriosa de manter elevado o nível técnico, o valor e a reputação que os atiradores antigos conquistaram através de inúmeras competições, dentro e fora da pátria.

«É pena, portanto, que a organização patriótica a que pertencem continue alheada da Federação Nacional. Bem sabemos que existe da parte da «M. P.» o melhor desejo de colaboração. Desde o sr. dr. Marco Caetano, ilustre Comissário Nacional, ao mais modesto frequentador do «Centro de Esgrima», todos são nossos verdadeiros amigos.

«Por consequência, parece que estamos em boa altura para solu-

cionar o assunto, tanto mais que a F. P. E. outra coisa não pretende que a filiação daquele organismo, ao qual continuará a pertencer, como até aqui, o direito de orientar a preparação dos seus esgrimistas como lhe aprouver. Os resultados colhidos pelos instrutores da «M. P.» são magníficos. Seria difícil, mesmo, conseguir melhor. Portanto, a F. P. E. continuará a depositar inteira confiança nas qualidades de trabalho de quem dirige a sala de armas.»

A terminar a entrevista, o sr. Mário de Noronha participou nos que tencionava visitar brevemente o sr. tenente-coronel Salvação Barreto, ilustre Director Geral dos Desportos, a fim de lhe pedir que se interesse pelo desenvolvimento da esgrima, uma das modalidades que mais tem prestígio o país nas deslocações ao estrangeiro.

REINALDO MONTEIRO


DESPORTOS de força e destreza

CHAMAM-SE desportos de força e destreza à luta greco-romana (o mais vulgarizado do género e cuja o mais popular entre nós), à luta livre, ao «catch-as-catch-can» (um método de luta assás livre...), ao «ju-jitsu» e ao levantamento de pesos e alteres. Qualquer destas modalidades requer um conjunto de faculdades que não está ao alcance de toda a gente! É preciso realmente uma preparação cuidada e um treino intensivo — para se poder chegar a ser um bom praticante. E muitos atletas que se «iniciam» acabam por desistir, não por falta de vontade mas porque o treino é, na verdade, muito «duro». E no entanto há ainda muitos desportistas que praticam as diferentes modalidades destes exercícios com perseverança — recolhendo da prática dos seus benefícios progressivo desenvolvimento físico e uma excelente disposição para continuarem...

Vem este esboço a propósito de um torneio de luta greco-romana (já se disse que é a modalidade preferida e mais em voga) que o Ateneu Comercial de Lisboa vai promover brevemente — com o objectivo na sua propaganda e o anseio justificado de regresso à actividade. Porque a luta greco-romana parecia estar em desuso — tal o tempo que já fez desde que se realizou a última competição do género...

Stadium vê com satisfação a iniciativa projectada, tanto mais que a nossa revista pertence já a organização duma prova de grande envergadura e alcance no capítulo de propaganda: o I Torneio Popular. Dêse torneio algo de proveitoso resultou. Muitos atletas «iniciados» tomaram gosto e alguns continuaram — tendo mesmo vários dêles afirmado possibilidades reais e criado fama dentro os mais categorizados cultores da luta. Não mencionamos nomes — mas registamos o facto com apuramento.

E por isso a iniciativa do Ateneu nos merece o mais franco aplauso e incitamento. E é até muito possível que Stadium complete a campanha de propaganda que a progressiva e simpática colectividade pôs em marcha para reviver o gosto pela luta greco-romana, o mais completo dos desportos e o melhor dos exercícios de força e destreza.



BERLIM
A
ALEMANHA
FALA!

Actualidades em língua portuguesa

Horas	Estações	Ondas Curtas
12.30 às 14.00	«Hora portuguesa»	DZE 2473 m 12.130 Kc/s
14.00	Noticiário	DZE 2473 m 12.130 Kc/s DJC 49.83 m 6.020 Kc/s
17.45	Noticiário	DXR 25.51 m 11.760 Kc/s DJQ 19.63 m 15.280 Kc/s
20.30	Noticiário	DXU 9 31.28 m 9.590 Kc/s DJI 41.15 m 7.290 Kc/s
20.45	Noticiário	DJC 49.83 m 6.020 Kc/s DXR 25.51 m 11.760 Kc/s DZC 29.16 m 10.290 Kc/s
21.15	Noticiário e Tema do dia	DXU 9 31.28 m 9.590 Kc/s DJI 41.15 m 7.290 Kc/s DJQ 19.63 m 15.280 Kc/s
22.30	Noticiário e Nota do dia	DXU 9 31.28 m 9.590 Kc/s
23.45	Noticiário	DXX 48.00 m 6.140 Kc/s

Existe o DESPORTO POBRE?

OUVIMOS falar a cada passo de *desportos pobres*. Confessamos que a designação nos desagradava por completo.

Porquê *desporto pobre*? Porquê atribuir uma categoria que socialmente tem de se admitir, mas que no campo desportivo devia ser banida? Perguntamos a nós próprios e não destrinchamos resposta que satisfizesse, que justificasse aquele rótulo, triste, deprimente, — até incompreensível!

Pobre porque o público prefere umas modalidades a outras — e estas outras são ricas!... Isto, claro, é o pensamento da grei, o que o dirigente mais categorizado nos diria...

Mas — péssimo raciocínio. O *«pobre»* está longe de ser bem aplicado. Vejamos: a modalidade é *pobre* de movimento, de espectacularidade, de beleza estético-desportiva? Nesse caso, bem está, — e compreende-se o desinteresse do público, que não lhe encontra vibração que o empolgue — o espectáculo forte que chicoteia os nervos. Surgem duas soluções: se o espectáculo é pago, deixá-lo de o ser, como propaganda; se efectivamente a modalidade é de molde a não interessar ninguém e se não reúne ao menos, em contrapartida, apreciáveis condições de desenvolvimento fisiológico, acaba-se com ela, pois jamais passará de um aleijão.

Mas se tiver movimento, espectacularidade, beleza estético-desportiva e alto poder emocional — deixa a modalidade de ser *pobre*!

Pode ter todas aquelas virtudes e ser *pobre*. Não conseguir o favor do público. E agora tem cabimento o «porquê»? Um rosário de respostas — justificações: *«porque não tem sido devidamente propagandeada; não se têm divulgado as regras (do futebol, senhor popular e rico, há muitas — talvez a maioria — desconhecidas da turba); têm sido mal orientadas as competições e não tem havido dirigentes à altura das responsabilidades!* Uma cadeia de fusis. A última justificação é a base, o ponto de partida para o termo *desporto pobre*!

O *pobre*, significa, simplesmente, que não dá dinheiro!... E não dá dinheiro porque ao público, entre outros elementares motivos de atractivo, não se lhes oferecem condições de comodidade. Nem mesmo, é oportuno dizê-lo, os desportos que *dão dinheiro*, como o futebol, o aproveitam mais inteligentemente, com a visão larga de quem não precisando cativar sabe afinal captar...

Há desportos mais ou menos populares, do maior ou menor agrado do público. Sómente! *Desportos pobres* não existem.

Ao mais, na sú doutrina do barão Pierre de Coubertin, o desporto não é fonte de receita, mas filão inesgotável de vitalidade, de revigoramento físico e moral.

O dinheiro do desporto deve ser para o desporto! E quantos pretendam arranjar designações e rótulos a seu belo talante, darão apenas saída às suas fantasias ou conveniências, mas não iludirão a realidade, — dura, incontroversa, gramatical!...

LANÇA MOREIRA

F U T E B O L

(Conclusão da página 6)

Maria Antunes estorvou bem a acção de Gilberto, mas deixou livre o corredor lateral.

Quanto aos belenenses, todos jogaram bem e com grande velocidade. Jogaram mais e melhor. Mereceram bem a sua vitória.

Rafael marcou duas bolas, e Franklin e Gomes, uma, cada. Armando e Micael obtiveram os pontos da Académica. Um dos pontos de Rafael foi precedido de deslocação do mesmo jogador. Coube a Rafael o «goal» da vitória.

Em tarde de inspiração

O Unidos do Barreiro foi fazer em Olhão uma exibição de primeiro plano. Jogou, na vila cubista, por forma a surpreender o público local. A uma semana da visita do Benfica, fez esquecer os campeões nacionais. Há muito tempo que não se via jogar tão bem, em Olhão. Chegou mesmo a despertar entusiasmo.

Mas foi apenas na primeira parte. Neste período de tempo, esteve muito superior ao Olhanense. Gistou jogadas muito interessantes; e mostrou-se familiarizado com uma técnica assás perfeita. E ambos os grupos jogaram com vivacidade. Como resultado, até o intervalo, ficou 1-0 a favor do Olhanense. E, todavia, de justiça anotar que o Unidos não merecia estar a perder.

Na segunda parte, em face do melhor conjunto dos locais, o Unidos inferiorizou-se, manifestamente. O Olhanense, tomando o pulso, pôde ganhar ascendência sobre o adversário. Marcou quatro pontos — e os barreirenses ficaram-se no «goal» de honra, bem apontado por Palma.

Três nomes a citar

O Olhanense teve ainda um ponto invalidado. E o desafio decorreu sempre com muita correcção. Foi, pois, uma boa partida de futebol.

Salvador marcou os três primeiros pontos do Olhanense, Baptista o quarto e Joaquim Gomes o quinto. João Palma marcou o do Unidos. Joaquim Gomes foi o autor do «goal» da vitória.

Classificação actual

	J	Bolas P.
Belenenses	3	20 - 2 6
Benfica	3	12 - 5 6
Sporting	3	10 - 7 5
Académica	3	17 - 8 4
Olhanense	3	5 - 2 3
F. C. Porto	3	6 - 6 3
Unidos	3	14 - 10 2
Leixões	3	2 - 12 1
Unidos (Bar.)	3	6 - 21 0
Vitória	3	5 - 24 0

Torneio da 2.ª Divisão

A terceira «onda» desta competição revestiu-se de grande interesse pela possibilidade de fornecer já algumas indicações relativas às aspirações dos concorrentes.

Nos 38 desafios que constituíram o programa, marcaram-se 222 tentos, circunstância que pode ter contribuído para a animação da jornada.

Grupo A

Resultados: Vizela-Gil Vivente, 1-7; Limarense-Vianense, 1-1; Sp. Fafe-Vitória (R.), 4-5; Famacião-Sp. Braga, 3-1; Candal-Gaia, 3-2;

Avintes-Coimbrões, 1-3; Vilanovense-Valadares, 4-2; Leixões (R.)-Ramaldense, 2-1; Boavista-Aves, 3-0; Académica-Porto (R.), 5-3; Vila Real-Sp. Cruz, 10-2; Salgueiros-Infesta, 6-2.

Na várias sub-divisões do grupo, são «leaders»: Famacião, Candal, Académico e Salgueiros e Leça.

Grupo B

Resultados: Sanjoanense-Oliveirense, 4-1; Lusitânia-Académica (R.), 2-4; União Coimbra-Calhábé, 3-2; Naval-Santa Clara, 6-0; Vouzelense-At. Travanca, 4-3; S. L. C. Branco-Sp. C. Branco, 12-0; Covilhenses-S. L. Covilhã, 2-2.

«Leaders»: Sanjoanense, Naval, Sp. Covilhã e Portalegrense.

Grupo C

Resultados: União Tomar-Sp. Tomar, 10-2; Leões Santarém-União Operária, 2-0; Alhandra-Aguia Vilafranquense, 3-1; Peniche-Nazarenos, 5-1; Sacavenense-Olivais, 1-1; Operário-Belenenses (R.), 1-6; Estoril Praia-Marvilense, 3-2; Atlético-Chelas, 7-2; Unidos (R.)-Benfica (R.), 2-3; Seixal-Luso, 2-2; Barreirense-Amora, 5-2; Casa Pia-Fósforos, 2-0; Unidos Montijo-Vitória Setúbal, 2-3.

«Leaders»: União de Tomar, Alhandra, Peniche, Estoril, Barreirense, Vitória.

Grupo D

Resultados: Estremós-Lusitano, 2-1; Luso Beja-União Beja, 3-0; Louletano-Forense, 3-8; Olhanense (R.)-S. L. Faro, 3-0; Lusitano-Glória, 4-1.

«Leaders»: Estremós, Luso e Farense.

Os torneios da «M. P.» e da III Divisão da A. F. L.

CONTINUOU a disputar-se, com entusiasmo crescente, no sábado e domingo últimos, o campeonato de futebol da Ala 2 da «Mocidade Portuguesa».

Dada a desistência do Liceu Pedro Nunes, realizaram-se cinco desafios — um no sábado e quatro no domingo — os quais forneceram os resultados seguintes:

Escola Nacional, 9 - Escola Académica, 1; Escola Maria Pia, 7 - Ferreira Borges, 1; Colégio Militar, 2 - Machado de Castro, 0; Gil Vicente, 1 - Colégio «O Académico», 1 - Marquês de Pombal, 0 - D. João de Castro, 0.

Resaltam à vista os «scores» elevados que alcançaram a Escola Académica e a Escola Maria Pia. Foram, realmente, os dois desafios da jornada em que a diferença entre vencedores e vencidos foi mais acentuada.

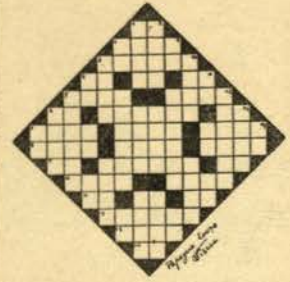
O Colégio Militar portou-se muito bem no seu desafio de estreia. Dominou de modo a justificar, até, mais ampla contagem, mas o certo é que a Escola Machado de Castro — embora jogando menos — replicou sempre enérgicamente. Foi, em resumo, um magnífico desafio.

*

O torneio da III Divisão da A. F. L. teve, no domingo último, a sua décima primeira jornada, quarta da segunda volta. O interesse é a expectativa, com

À LAREIRA

PROBLEMA N.º 8



Horizontais: 1 — Embarço. 2 — Parte superior do cachaço, correspondente à vértebra cervical. 3 — Altercára. 4 — Termo onomatopáico para exprimir o choque de dois corpos; Vácuo; Nota musical. 5 — Simples; Entusiasmo. 6 — Ande; Vinca; Continuar. 7 — Pequena abertura; Relativo à boca; Atrelar. 8 — Desejes; Enxurrada; Círio. 9 — O mesmo que o; Prevenção, para assegurar a validade de acto jurídico; O mesmo que *aná.* 10 — Senti desejo veemente; Caução. 11 — O mesmo que *eu;* Árvore de Damão; Artigo (pl). 12 — Bofetada. 13 — Montão. 14 — Ali.

Verticais: 1 — Vacila; Irritar; Vantajoso. 2 — Tócco; Deriva; Pa-recença. 3 — Torna puro; Antigo magistrado administrativo, em Roma. 4 — Peça da frente de um degrau; Art. f. (pl); Pôpa. 5 — Membrana delgada. 6 — Vimeiro. 7 — Batráquijo. 8 — Tornar ôco; Templo; Leite, que as crianças sugam do seio da mãe ou da ama. 9 — Figura; Saúde; Entrega. 10 — Coragem; Voa. 11 — Combinação de proposição e artigo; Outra coisa; Art. f. (pl). 12 — Ceremonial. 13 — Ramos ou folhas de uma planta. 14 — Mulher criminosa.

vista ao vencedor, aumentam à medida que o campeonato se aproxima do seu termo.

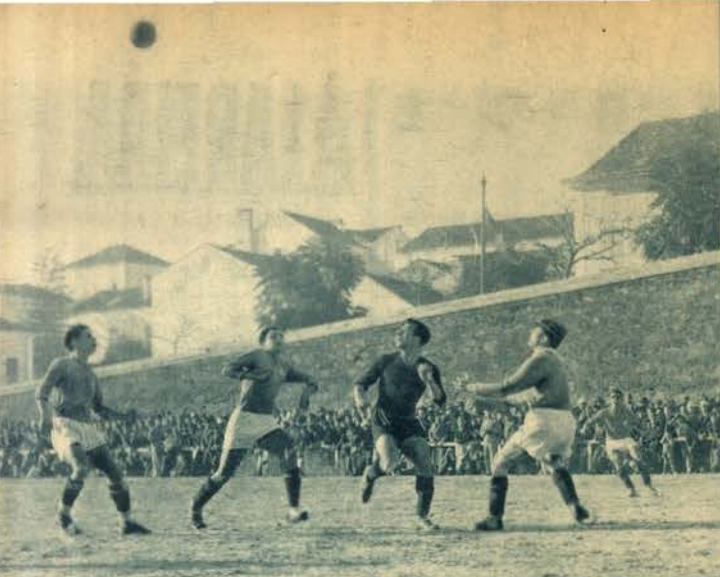
As próprias surpresas provocadas por equipas menos apetrechadas têm proporcionado mudanças de classificação que fazem manter uma atmosfera de ansiedade — muito útil ao desenrolar do torneio.

O Arroios, por exemplo, é uma equipa que merece êncômios pela vontade que tem mostrado em subir de «forma». O empate que na penúltima jornada foi arrancar a Palma é disso prova, e compensa o esforço da simpática agremiação. Foi êle, afinal, que destronou o Palmense...

Esse resultado fez revestir de especial interesse o desafio de domingo último, no qual o Arroios encontrava, no seu campo, o grupo do Desportivo Olivais.

Podia-se admitir, sem esforço, a hipótese de nova surpresa. Seria mais uma, neste campeonato fértil nelas... Mas não: o «leader» triunfou por 4-1, com 3-0 ao primeiro tempo.

O Olivais vê, assim, muito aumentadas as suas esperanças com vista ao almejado título de campeão. E se bem que faltam ainda três jornadas, a verdade é que o «leader» transpôs no domingo, victoriosamente, um obstáculo difícil.



A 3.ª JORNADA DO CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

Da esquerda para a direita
e de cima para baixo: três
instantâneos colhidos, res-
pectivamente, no Belenense-
Acadêmica, Olhanense-
Unidos do Barreiro e Lei-
xões-Futebol Clube do Pôrto



O CAMPEONATO DE FUTEBOL da ALA 2 da "M. P."



Dois aspectos dos jogos efectuados no campo do Liceu Pedro Nunes



BILHAR — O próximo Portugal-Espanha



Publicámos em um dos nossos últimos números as fotografias dos bilharistas portugueses que nos representarão no próximo encontro Portugal-Espanha. Inserimos hoje as dos jogadores que constituem a equipa espanhola. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Julio Bofill, Joaquin Domingo, Claudio Puigvert e J. Clerc. Este encontro internacional está marcado para o próximo dia 1 de Fevereiro, no Grémio Alentejano, devendo concluir a 5.



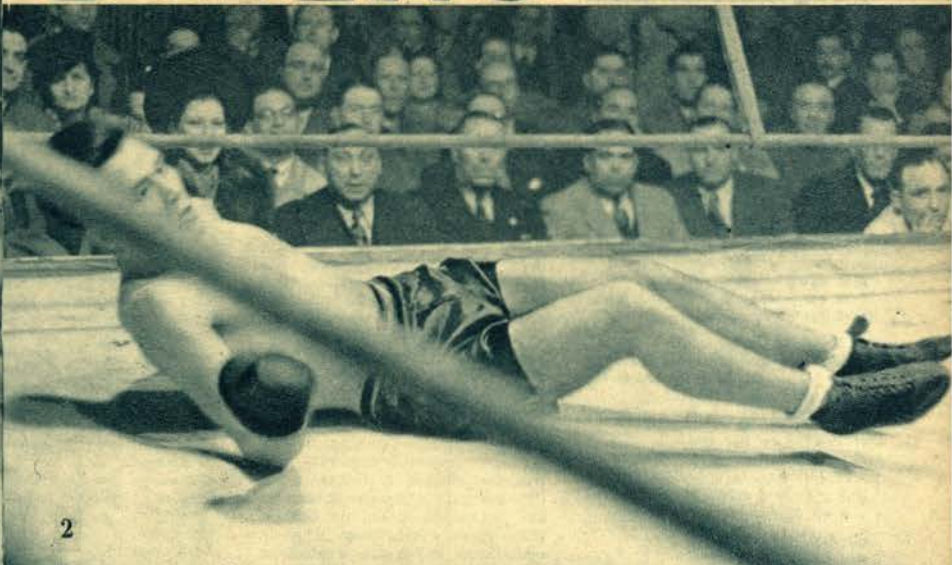
No Torneio
Nacional de
Propaganda
de Bilhar — A
final do dis-
trito de Lisboa

BOXING

NO COLISEU
DOS RECREIOS



1



2



3

1 — Quintino, junto às cordas, «bloca» um ataque do jovem Oliveira

•

2 — O impressionante K-O de Correia!

•

3 — Sousa «castigando» Rebordão

•

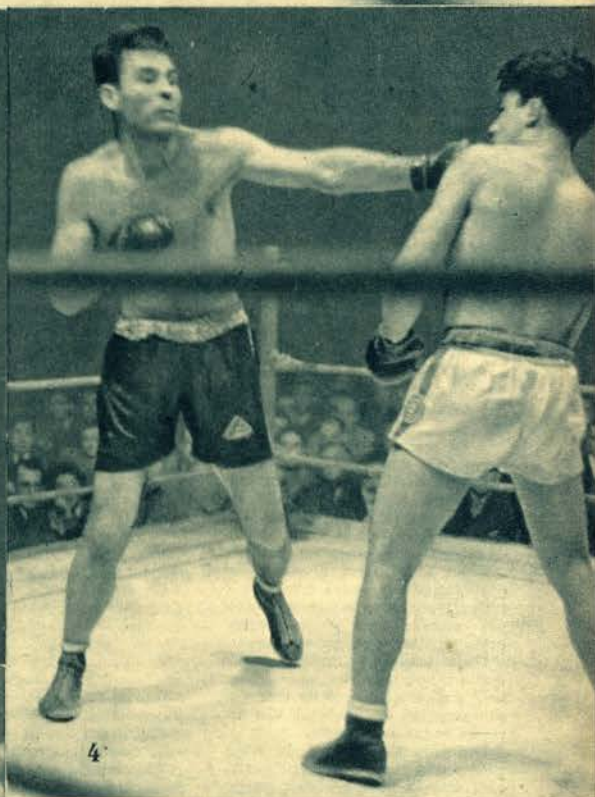
4 — A esquerda de Alcalá não encontra Guedes desprevénido...

•

5 — Branco pretende «largar» um esquerdo; mas Afonso cobre-se bem

•

6 — Guedes e Alcalá «posam» para a objectiva de «Stadium»



4



5



6



Roda da fortuna

Chegam 'tê nós, aos montões, recortes e mais recortes! São recortes... de ilusões. Ilusões, às vezes, fortes a que chamamos... cupões!

Todos querem tirar sortes todos fortes como leões... Mas, leitor, tu não te importes que entre tantos (são milhões!!!) ilusões, talvez, suportes...

No concurso — os campeões julgam-se sempre mais fortes! Mas não temam... «impressões» pois que até pode haver mortes com tantas opiniões...

É por falta de transportes (quiza dos quinze tostões...) que, por vezes, há mais uortese nas bolsas dos... sabichões que querem «armar-se» em fortes!

O sucesso eu não consigo descontinuar... num instante! Mas em verdade vos digo que o êxito é retumbante... e da «Stadium» amigo!

Os cupões caem... em péso nas bancas do pessoal que se «arma» em rijo e teso sem pensar que, no final, não é uellen... que fica ileso!

Quanta canseira e tortura Precisas p'ra separar os montes de boletins! A minha roda: tonturas, muita gente a desmaiar... e não se lhe vêem fins!

Seja, afinal, como for o certo é que visto... pegou! Um concurso... de vestalão! Mas, no fim, é que é pior... Eu, por mim, já lá não vou... mas vai o

ZECAS TLÃO

Desportos do «stick»

VAI entrar-se na fase mais importante do XIX campeonato de Lisboa de hockey em campo. Os «matches» Benfica-Futebol Benfica e Atlético-Hockey correspondem à última jornada do primeiro turno; e o embate dos dois Benficus pode já dar uma «indicação» — com vista ao título.

Estão ambos sem derrotas: um é o campeão (e quer conservar o troféu); ao outro interessa manter um «record» de vitórias que importa não ter companheiro...

Dada ainda a circunstância de que os «encarnados» estão agora «em grande plano», é de crer que os campeões de Portugal vão ter tarefa árdua no torneio.

Isto somente servirá, de resto, para dar interesse à prova, contribuindo para a melhor propaganda da modalidade. E, realmente, já se fazia tempo que o clube de Benfica encontrasse adversário à altura nestas pugnas hoquistas...

No domingo o Benfica venceu o Atlético e o Belenenses derrotou o Hockey: ambos os resultados foram de 2-1. O Hockey perdeu todas as esperanças... e o Benfica mantém-se «leaders».

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica...	3	3	—	—	5-0	0
F. Benfica...	2	1	1	—	4-3	5
Belenenses...	4	1	—	3	3-4	5
Atlético...	2	1	—	1	1-2	4
Hockey...	3	—	1	2	4-6	4

Superstições? — Não! Presentimentos...

CABE hoje a vez de deporem, neste inofensivo inquérito, aos rapazes do primeiro grupo de futebol do Unidos. Ouçamo-lo:

Leonel (o «capitão» e defesa esquerdo), diz que gosta de friccionar as coxas e a nuca com álcool, antes de sair do balneário, e que lhe dá azar encontrar uma preta no trajecto para o campo...

Baptista (médio direito), gosta de jogar com a cabeça amarrada com um lenço e declara que nunca vence quando, por qualquer motivo, não pode beijar a sua filhinha ao sair de casa.

Tanganho (avanzado centro), prefere que a equipa jogue com a camisola branca de traço oblíquo verde e que tem enguigo quando se esquece do pente especial, próprio para as suas madeixas...

Grulho (extremo esquerdo), ganha sempre que o filho, antes dele sair para o jogo, se lembra de lhe pedir uma moeda de dez escudos para o mealheiro, e perde quando, no «eléctrico», o condutor passa sem lhe cobrar o bilhete.

Félix (médio esquerdo), regula os seus presentimentos pela presença ou ausência da sua gaita de beicós...

Eduardo Santos (guarda-rédes), tem sorte quando enverga a sua camisola verde e o contrário se é forçado a vestir uma outra que tem, encarnada.

Brito (interior esquerdo), gosta de entrar no terreno com o pé direito. Azar... azar... só quando tem de defrontar o Benfica...

Oswaldo (extremo direito), ao contrário do anterior, procura sempre entrar no terreno com o pé esquerdo e poucas vezes ganha quando o seu «team» obtém um «goal» logo nas primeiras jogadas.

Rebêlo (interior direito), confessa que tem sorte em marcar um tento no décimo quarto minuto e que o jogo lhe corre mal se vê um préto no caminho.

Marques (defesa direito), como o seu colega Tanganho, tem azar quando o grupo utiliza as camisolas verdes com risca branca.

*

Reparará o leitor que apenas registámos as opiniões de dez elementos. É verdade, ainda que estranho pareça... Carlos Pereira, quando o convidámos a depor para o nosso inquérito, declarou solene e preceptivamente: «Não! Para os jornalistas não digo nada!»

Claro que, sem querer, e mais a sério que os colegas, confessou implicitamente que tem azar com os homens dos jornais...

E é pena... Não é este, evidentemente, o caso do jogador em questão, porém, talvez ele não ignore que são os jornalistas, muitas vezes, que contribuem, com as suas palavras — e até a sua benevolência... — para a popularidade, a celebridade e a aura que envolvem os nomes de certos praticantes da bola...

Não é este o caso de Carlos Pereira, repita-se...

O pior é que alguns habituam-se aos louvores e aos aplausos e quando, no declinar duma carreira assás brilhante, as facultades diminuem e a regularidade das exhibições não pode manter-se como noutras eras, estranham, então, que

a gente dos jornais os não exalte com aqueles termos e aquelas referências a que estavam habituados e que, no íntimo, consideravam já de obrigação...

Não será este, porventura, o caso do médio-centro do Unidos, daquele que foi sempre, outrora, seleccionado indiscutível...

Mas porque ignoramos que «bicho lhe mordeu», não podemos deixar de estranhar — e de lamentar — que «sua excelência», voluntariamente encerrado numa torre de marfim, tenha decidido — agora... — não falar para os jornalistas...

E temos pena (não podemos deixar de voltar a confessar), Não nos recorda de termos sido menos correctos, para ele ou para qualquer outro, nem nos lembramos de o ver atingido, pela pena de qualquer colega da Imprensa, por alguma referência desprimorosa.

Modos de ver... Possivelmente, requintes de uma sensibilidade muito apurada, de lastimar em quem se exhibe em espectáculos pagos e está sujeito, por consequência, às críticas e às apreciações que a Imprensa tem por dever transmitir ao público.

Mentalidade diferente, melhor compreensão da vida e dos factos, manifestam aquêles que se não agastam tão facilmente e que, através dos acontecimentos, sabem respeitar a missão alheia e corresponder com cortezia e correcção a quem se lhes dirige, também, correcta e cortezmente...

CARLOS CORREIA

Delfim Maia

(Conclusão da página 4)

O artista não é um nome ignorado da escultura. Fêz já diversas exposições. A primeira em Lisboa — vai para treze anos, no «stand» de Sebastião Teles, na avenida da Liberdade. Chamava-se Do movimento no barro. E foi um êxito! Depois: em Paris. Com a honra de admissão — honra que é orgulho legítimo de artistas... — no «salon»! E outra ainda em Paris: na Casa de Portugal. Mais: na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa; no Rio de Janeiro e em S. Paulo; em Madrid e em Sevilha. E quasi sempre isolado! — especialmente no Brasil e em Espanha, na sua estreia, e na Casa de Portugal em Paris...

Os êxitos não o desvaneceram. E este artista — que podia ter sido grande em qualquer parte do mundo... — voltou a Portugal. E ao isolamento do seu «atelier», ao aconchego do lar, da casa que é uma verdadeira galeria de arte! Que belo exemplo...

São assim os desportistas — que aprenderam na escola do desporto a temperar os nervos e a não afanar as virtudes que dde são apandúcio! E Delfim Maia é desportista. E artista. «Stadium» saúda-o, festejando-lhe os êxitos e ansiando por maiores triunfos. Por muitos anos — para honra e glória da arte e do desporto.

JORGE MONTEIRO

Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc. 19450
6 » » 39400
12 » » 78400



ATLETISMO

O sueco Günther Hägg, que percorreu a milha, em Setembro findo, em 4 m. 4 s. e 6/10, acaba de ver a sua prova homologada como «record» mundial. E, assim, Sydney Wooderson foi destronado do seu posto na lista de «records» da F. I. A.

— Também foi oficialmente homologada como «record» mundial a «performance» de Adolfo Consolini que, em Milão, no dia 26 de Outubro de 1941, lançou o disco a 53.34 metros.

BOX

A Liga Europeia de Box Profissional admitiu, para disputa do título de campeão da Europa, de pesos pesados, vago pela abdicação de Max Schmeling, o campeão alemão Neusel, o sueco Tandberg, o italiano Musina e o belga Sys.

CICLISMO

Os catalães parecem dispostos a dar que falar na próxima temporada. O veterano Saura, hoje director desportivo, foi propostamente a Madrid para conseguir reforços com destino à equipa de que é treinador. As suas

vistas incidiram sobre Berrendero, Martin, Delio e Trueba... Mas estes «ases» mostraram-se exigentes. E o «negócio» não ficou fechado...

FUTEBOL

O 34.º desafio de futebol jogado entre as equipas de Berlim e Viena terminou empatado 1-1. A luta travou-se no estádio olímpico de Berlim.

— As selecções da Marinha e da Aviação Italiana defrontaram-se recentemente em Roma. Os marinheiros venceram por 2-0, com «goals» feitos por Mimati e Trevisan.

GIMNÁSTICA

Os hamburgueses foram vencedores do 42.º torneio de ginástica, celebrado em Alster, entre as equipas de Hamburgo, Leipzig e Berlim. Somaram 555.8 pontos contra 543.1 dos berlinenses. Os ginastas de Leipzig ficaram em 3.º lugar, com 516.6 pontos.

REMO

Os campeonatos internacionais remo foram marcados para os dias 21 e 22 de Agosto. As provas disputar-se-ão no Canal do Danúbio, em Viena.

Manual de jogos da "Mocidade Portuguesa"

ENCONTRA-SE nas montras das livrarias o «Manual de Jogos da M. P.» excelente publicação dos serviços de educação física e desporto daquela Organização, quep elo seu critério com que foi elaborado e pelo alto sentido pedagógico que perpassa através das suas páginas, merece as mais encomiásticas referências.

O precioso volume — e precioso tanto para dirigentes como para filiados — abre com uma introdução na qual se expõe, em síntese, a utilidade dos jogos sob diversos pontos de vista — físico, fisiológico, psicológico, etc.

Há frases como estas que não resistimos à tentação de transcrever: «o espírito de cooperação e consideração pelos outros deve ser transportado para a vida real, onde tem uma grande aplicação nas leis que regem a moral. Com efeito, se o filiado aprende a tratar filiados com cortezia e a respeitar a sua opinião, estimulará as suas qualidades de tolerância e justiça que, mais tarde, caracterizarão a sua forma de proceder, tornando-o na vida um homem honesto e justo.

Ao aceitar e cumprir a decisão do árbitro cria hábitos de disciplina e obediência aos princípios das autoridades.

Enfim, de uma maneira geral os jogos desenvolvem «nos filiados todas as faculdades físicas e psíquicas tão úteis ao futuro homem e à colectividade a que pertence».

Seguidamente são explicados os tipos de jogos que mais convêm a cada um dos escalões, ou seja, aos lusitos, infantes, vanguardistas e cadetes, destinando a cada um deles aqueles jogos mais naturalmente considerados pelas suas idades.

E depois de classificados os jogos em 14 grupos, com a indicação dos seus principais objectivos psicofisiológicos e dos exercícios gímnicos que aproximadamente lhes correspondem, vem tratada a matéria referente a jogos de competição onde «é da máxima importância que o professor não esqueça o interesse geral pelo particular».

São jogos que se destinam a filiados de mais de 16 anos, «em boas condições físicas e sob constante fiscalização médica».

E com a maneira de conduzir os jogos fecha o introito.

São discriminados, a seguir, os princípios fundamentais a observar na prática dos jogos, tanto pelo professor ou dirigente como pelos jogadores.

São apresentados 232 jogos diferentes, distribuídos por 14 grupos.

E cada um desses 232 jogos é pormenorizadamente explicado, indicando-se o escalão ou escalões a que se destina, o material que exige, o número de participantes, o modo como se hão-de dispor e a maneira como o jogo se desenvolve. Cada jogo é sempre acompanhado de uma elucidativa gravura, algumas vezes de um engraçado desenho alusivo, sobretudo quando se destina aos filiados mais novos.

Por aqui se poderá avaliar da utilidade da obra, do seu incontestável mérito, que muito honra os serviços de educação física e desportos da «M. P.».

A edição é magnífica. Digno de nota o engenhoso processo que torna fácil e rápido a manusear do livro. Aspecto gráfico atraente, para o que muito concorre o lápis de Eduardo Galhardo.

ABREU TORRES

ORGANIZAÇÕES DA F. N. A. T.

STADIUM vai dedicar, nesta sua nova fase, particular atenção às iniciativas da F. N. A. T. no campo desportivo. A circular que nos foi enviada é de tal maneira sugestiva e de tal forma demonstra o elevado critério que presidiu à organização do seu calendário de provas, que bem merece toda a expansão que lhe possa ser prestada, para que os trabalhadores portugueses tenham conhecimento de que existe uma entidade oficial que orienta da melhor maneira o desporto corporativo e, por conseguinte, cuida da educação física daqueles que labutam em condições de higiene deficientes.

A partir de Janeiro e até fins

de Outubro, propõe-se a F. N. A. T. promover campeonatos de «ping-pong», «basket-ball», tiro, atletismo, natção, ciclismo, futebol, «hockey» em patins, jogos populares diversos, tais como chinguilho e lanranjinha, e vários festivais de desporto. O país, de norte a sul — pois muitos dos campeonatos são de carácter nacional — vai movimentar-se, graças às organizações da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.

Esta vasta propaganda do desporto entre as classes trabalhadoras foi inaugurada com a «primeira lição» do curso de monitores de atletismo, que funciona sob a direcção do dr. Salazar Carreira. Revestida de certa solenidade, serviu essa inauguração para atestar de forma bem visível o intuito da F. N. A. T. — cuidar da preparação técnica dos concorrentes às provas por ela organizadas.

Os campeonatos de «ping-pong» e «basket-ball» vão iniciar este novo ciclo de organizações da F. N. A. T. O primeiro, que reuniu cerca de 220 jogadores, representando 13 distritos, já tem o seu calendário de jogos elaborado e vai principiar brevemente. O segundo registou igualmente avultada inscrição.

A OBRA SOCIAL DAS COLECTIVIDADES DE DESPORTO

Uma reportagem de JORGE MONTEIRO

A partir do próximo número de «STADIUM»

CARTA DA MADEIRA

FUNCHAL — Janeiro — Com a participação dos Clubes Marítimo, União, Sporting e Nacional, disputou-se o Campeonato Regional de Futebol da presente época, que decorreu sempre em ambiente de grande animação.

O título de campeão ficou de novo na posse do Clube Desportivo Nacional, e com merecimento, pois foi, juntamente com o Marítimo, a equipa que se exibiu com mais regularidade e a que reúne um conjunto de melhores jogadores.

O campeonato, porém, não foi ganho com facilidade, como se poderia deprender. No último dia de jogos, três clubes se apresentavam com probabilidades para conquistar o tão cobiçado título, dependendo do resultado da partida entre o Nacional e União — que foi de 2 a 1 a favor dos nacionalistas — a sorte dos três favoritos: Nacional, União e Marítimo. Um simples empate colocaria estes três clubes com igual número de pontos, mas como os marítimos tinham o «goal average» a seu favor, o título ficaria na sua posse. Uma vitória do União sobre o Nacional dava-lhe a posse do campeonato.

Dada esta expectativa, o encontro entre unionistas e nacionalistas foi duro, rareando as fases de bom futebol. O Nacional, por intermédio do seu extremo esquerdo, Honorato, um novo que muito promete no futebol, marcou o primeiro ponto na primeira metade do jogo, empatando pouco depois o União mercê de uma grande penalidade.

Este resultado manteve-se assim durante quasi todo o desafio. Quando faltavam uns 4 ou 5 minutos para terminar, o árbitro, sr. António Zamorano, apitou precipitadamente para marcar um «penalty» contra os unionistas, por a bola ter tocado na mão de um jogador. Houve os enevitáveis protestos, mas o castigo cumpriu-se e o Nacional ganhou o jogo por 2 a 1.

Não obstante, os nacionalistas mereceram o triunfo, porquanto no decorrer do jogo foram superiores ao adversário.

COMITÉ OLÍMPICO PORTUGUÊS

Em nome do Comité Olímpico Português, o seu ilustre presidente e nosso querido amigo dr. José Pontes teve a gentileza de nos oferecer o volume há pouco editado pelo C. O. P. com a série de conferências há tempo proferidas sobre «Profissionais e Amadores» e que aquela entidade patrocinou.

Agradecemos a amabilidade do oferecimento.



Bicicleta «FLECHA»
A QUE TODOS PREFEREM

A ILUMINANTE

Av. Almirante Reis, 6 — LISBOA

INTERVALOS...

Uma imprudência venturosa

UM telegrama de Paris, recentemente publicado nos jornais, informa que um automóvel foi de encontro a um pilar da porta de entrada de uma herdade, e que o pilar, que era doco, «deu à luz» (perde-se-me a expressão) 30 quilos de moedas de ouro do tempo dos Luises.

Veja o leitor cauteloso e prudente como um vulgar acidente de viação pode provocar a fortuna de um incauto amador das grandes velocidades!

De um momento para o outro, por uma volta mal calculada ou em virtude de uma condável distração, uma «derrapagem», um choque contra o pilar de um portal, — uma praga... — e eis o pilar a desfazer-se, generosamente, num caudal de ouro da melhor liga...

E certo que não é a primeira vez que um automóvel, inocente e inconscientemente, provoca a fortuna do seu proprietário. Por esse mundo fora são, por exemplo, vulgares os casamentos ricos arranjados à custa de um aparatosq 40 HP., muitas vezes ainda nem sequer pago...

Mas, nas condições do caso presente, deve haver ineditismo.

E bom frizá-lo, não vão os nossos amadores de automobilismo — os que resistiram à escassez de combustível — passarem a atirar com os seus carros de encontro às paredes, na esperança de verem ferrar, de qualquer esquina se não uma «mina» de peças de ouro, «ao menos» alguns quilos de volfrâmio postos a recato, um lote de acções do Banco Ultramarino ou, na melhor das hipóteses... uma lata de manteiga, uma caixa de sabão ou um bacalhau que não seja minorca...

C. C.

«STADIUM» e os clubes

Temos sobre a nossa mesa de trabalho dois agradecimentos a referências ou reportagens da Stadium, recebidas do Sport Algés e Dafundo e do Gimnásio Clube Português.

Não têm as prestimosas colectividades que nos estar reconhecidas por lhes termos feito justiça e focado os seus valiosos esforços. E-nos sempre muito agradável reconhecer o merecimento onde o encontramos. E quer o Algés e Dafundo, quer o velho Gimnásio, têm-no de sobra.

Contem sempre conosco.



O Concurso
do "Goal da Vitória"
Conquistou
os entusiastas desportivos
de todo o País!

Stadium